

Comecei a olhar esta narrativa, (porque é mesmo uma narrativa em imagens de um comportamento obsessivo) com a ajuda do Lipovetski da *Era do Vazio*, tentando reencontrar o olhar de Flávio Andrade. Nessa obra sobressai o papel desumanizador das próteses e da propaganda, aquela forma como a biotecnologia e a nova farmacopeia química de análise e bloqueio molecular alteram profundamente o nosso corpo físico e fisiológico. Vi o paralelo com as tecnologias digitais usadas para expressar ritmos internos do comportamento, o *fluo* ou esbatimento, a sobreposição, a duplicação, a sépia envelhecida, a manipulação, a imagem sobre a imagem, sobre a imagem...

A *Era do Vazio* fala da homogeneização do indivíduo e das massas e aqui é, decididamente, o inconsciente que fala da falta, essa falta que faz o nexo da Psicanálise e aqui se consubstancia na falta do contacto direto. Essa centralidade mostra-nos que a dominância do contacto digital se revela insuficiente e a nossa vocação se mantém social e não socializante. Esta narrativa é, ainda, sobre o efeito em nós de uma falta de sentido de uma existência, alheado da verdadeira escolha e opção que, naturalmente, acumula inconscientes medos e frustrações, atualizando o secreto *pequeno mundo* de que fala Murakami com novas regras aleatórias e temores renovados. O *inconsciente Pequeno Mundo*, elaborado com imagens e palavras recalcadas, não é, não é totalmente, o de Flávio Andrade, que é o autor da sua representação, mas é o do que o confinamento representa para todos nós. E aí, porque é imposto ou mesmo autoimposto é a perda da liberdade e da sociabilidade direta. que fomos perdendo sem o notar. E aí, e sempre de novo Foucault e o seu conceito de *sociedade disciplinar e de controlo*, onde a normalidade é a primeira regra.

Perdida a sociabilidade direta a representação de si vai-se desgastando. Não há cuidados com o corpo, não há conforto, não há necessidade de roupa; ficam os signos da perda, as máscaras, as feridas, a visão perdida, (os óculos clínicos, o olho no vaso de hospital...), o movimento limitado (belíssima a composição da dança com as sombras), a anormalidade das formas e das ausências, o grito e o pânico. O contexto degradado, elementar, desprovido, (a cadeira só para nos lembrar Mapplethorpe e o desejo) é o da nudez e a desordem do inconsciente, da incompletude e da falta. Não são imagens de um qualquer apocalipse, mas o sentir do homem entregue a uma parte de si mesmo.

No confinamento não há exposição de si, onde o inconsciente fala de poder e o consciente intencional traduz como prestígio, capacidade ou incapacidade, esperança ou esquecimento, ação ou projeto memória. Não há a perversidade da dúvida e do remorso, nem o discurso da vida normal, há apenas o que escapa ao controlo do sujeito, a explosão do pânico, da anomia do social.

E, no entanto, estas imagens são perversas, porque nos dizem a matéria imagética que desliza para o secretismo do inconsciente e aí constrói o não dito e o não pensado, como se o homem juntasse em si, bem oprimido e ocultado, todo o mal de que o mundo é feito, pronto a explodir em cada crise da normalidade aprendida.

São ainda perversas porque são belas.

Maria do Carmo Serén, Novembro de 2020

I started looking at this narrative (because it is really a narrative in images of obsessive behavior) with the help of Lipoveski from the Era do Vazio, trying to find Flávio Andrade's eyes again. In this work, the dehumanizing role of prostheses and advertising stands out, that way in which biotechnology and the new chemical pharmacopeia of analysis and molecular blockade profoundly alter our physical and physiological bodies. I saw the parallel with the digital technologies used to express internal rhythms of behavior, the flow or fading, the overlap, the duplication, the aged sepia, the manipulation, the image on the image, on the image...

The Era of the Void speaks of the homogenization of the individual and the masses and here it is decidedly the unconscious that speaks of the lack, that lack that makes the nexus of Psychoanalysis and here is embodied in the lack of direct contact. This centrality shows us that the dominance of digital contact is insufficient and our vocation remains social and non-socializing. This narrative is also about the effect on us of a lack of meaning in an existence, oblivious to the true choice and option that, naturally, accumulates unconscious fears and frustrations, updating the secret small world that Hurakami talks about with new random rules and renewed fears. The unconscious Little World, elaborated with repressed images and words, is not, it is not entirely, that of Flávio Andrade, who is the author of his representation, but it is what confinement represents for all of us. And there, because it is imposed or even self-imposed is the loss of freedom and direct sociability. that we lost without noticing it. And then, Foucault and his concept of disciplinary and control society, where normality is the first rule.

With the loss of direct sociability, the representation of oneself is eroding. There is no body care, there is no comfort, there is no need for clothing; there are the signs of loss, the masks, the wounds, the lost vision, (the clinical glasses, the eye in the hospital vessel...), the limited movement (the beautiful composition of the dance with the shadows), the abnormality of the shapes and absences, screaming and panic. The degraded, elementary, devoid context (the chair just to remind us of Mapplethorpe and desire) is that of nudity and the disorder of the unconscious, the incompleteness and the lack. They are not images of any apocalypse, but the feeling of man given over to a part of himself.

In confinement there is no self-exposure, where the unconscious speaks of power and the intentional conscious translates as prestige, capacity or disability, hope or forgetfulness, action or memory project. There is no perversity of doubt and remorse, nor the discourse of normal life, there is only what escapes the control of the subject, the explosion of panic, the anomie of the social.

And yet, these images are perverse, because they tell us the imaginary matter that slides into the secrecy of the unconscious and there builds the unsaid and the unthought, as if man brought together all the evil in him, well oppressed and hidden that the world is made, ready to explode in every crisis of learned normality.

They are still perverse because they are beautiful.

Maria do Carmo Serén, November 2020